

---

---

## Tabacaria \*

---

---

*Não sou nada.  
Nunca serei nada.  
Não posso querer ser nada.  
Aparte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.*

*Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é  
(E se soubessem que é, o que saberiam?),  
Dais para o misterio de uma rua cruzada constantemente por gente,  
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,  
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
Com a morte pôr humidade nas paredes e cabelos brancos nos homens,  
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.  
Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.  
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,  
E não tivesse mais irmandade com as coisas  
Senão uma despedida, tornando-se esta casa a êste lado da rua  
A fileira de carruagens de um combóio e uma partida apitada  
De dentro de minha cabeça,  
E uma sacudida dos meus nervos a um ranger de essos na ida.  
Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu,  
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
E á sensação de que tudo á sonho, como coisa real por dentro.*

*Falhei em tudo.  
Como não fiz proposito nenhum, talvez tudo fosse nada.  
A aprendizagem que me deram,  
Desci dela pela janela das traseiras da casa.*

---

\* Nota de redacción: Dentro del presente homenaje a Fernando Pessoa, ha parecido oportuno a esta redacción reproducir el texto de *Tabacaria*, el célebre poema pessoano que, hace ahora casi un cuarto de siglo, fue dado a conocer por *Cuadernos Hispanoamericanos*, en el número 133, correspondiente a enero de 1961, acompañado por un estudio de Napoleao Lopes Filho. El texto original va seguido por la autorizada traducción de Angel Crespo que aparece en el volumen *El poeta es un fingidor*, publicado por Espasa-Calpe (Madrid, 1982), editorial a la que nuestra revista agradece su gentil autorización.

*Fui até ao campo com grandes propósitos.  
Mas lá encontrei só ervas e árvores,  
E quando havia gente era igual á outra.  
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de pensar?*

*Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!  
E ha tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver tantos!  
Génio? Neste momento  
Cem mil cerebros se concebem em sonhos génio como eu,  
E a historia não marcará, quem sabe? nem um,  
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.  
Não, não creio em mim.  
Em todos os manicómios ha doidos malucos com tantas certezas!  
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos certo?*

*Não, nem em mim...  
Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo  
Não estão nesta hora génios-para-si-mesmo sonhando?  
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas  
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas  
E quem sabe se realizaveis,  
Nunca verão a luz do sol real nem abcarão ouvidos de gente?*

*O mundo é para quem nasce para o conquistar  
E não para quem sonha que pode conquista-lo, ainda que tenha razão.  
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.  
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades de que Cristo.  
Tenho feito filosofias em segrédo que nenhum Kant escreveu.  
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,  
Ainda que não more nela;  
Serei sempre o que não nasceu para isso;  
Serei sempre só o que tinha qualidades;  
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta,*

*E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,  
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.  
Crer em mim? Não, nem em nada.  
Derrame-me a Natureza sôbre a cabeça ardente  
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acca o cabelo,  
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.  
Escravos cardíacos das estrelas,  
Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;  
Mas acordámos e êle é opaco,*

*Levantamo-nos e êle é alheio,  
Saímos de casa e êle é a terra inteira,  
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.*

*(Come chocolates, pequena;  
Come chocolates!  
Olha que não ha mais metafisica no mundo senão chocolates.  
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.  
Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de fôlha de estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenbo deitado a vida.)*

*Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei  
A caligrafia rápida destes versos,  
Pórtico partido para o Impossivel.  
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprêzo sem lágrimas,  
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro  
A roupa suja que sou, sem rol, p'ra o decurso das coisas  
E fico em casa sem camisa.*

*(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,  
Ou Deusa grega, concebia'a como estatua que fosse viva,  
Ou patricia romana, impossivelmente nobre e nefasta,  
Ou princesa de trovadores, gentilissima e colorida,  
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longinqua,  
Ou cocotte célebre do tempo dos nossos pais,  
Ou não sei que moderno —que não concebo bem o quê—  
Tudo isso, seja o que fôr, que sejas, se pode nispirar que inspire!*

*Meu coração é um balde despejado.  
Como os que invocam espiritos invocam, espiritos invoca  
A mim mesmo e não encontro nada.  
Chego á janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
Vejo as lojas, vejo os passcios, vejo os carros que passam,  
Vejo os cães que tambem existem,  
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degrêdo,  
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)*

*Vivi, estudei, amei até cri.  
E hoje não ha mendigo que eu não inveje só por não ser eu.  
Olho a cada um os andraxos e as chagas e a mentira,  
E penso: talvez nunca vivesses, nem estudasses, nem amasses, nem cresses  
(Porque é possivel jazer a realidade de tudo isso sem fazer nada disso);*

*Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam o rabo  
E que é rabo para a quem do lagarto remexidamente.*

*Fiz de mim, o que não soube,  
E o que podia fazer de mim não o fiz.  
O dominó que vesti era errado.  
Conhecera-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me.  
Quando quize tirar a máscara,  
Estava pegada á cara.  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
Já tinha envelhecido.  
Estava bêbado, já não sabia vestir e dominó que não tinha tirado,  
Deltei for a máscara e dormi no vestiário  
Como um cão tolerado pela gerência  
Por ser inofensivo  
E vou escrever esta historia para provar que sou sublime.*

*Essencia musical dos meus versos inúteis,  
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,  
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte.  
Calcando aos pés a consciencia de estar existindo,  
Como um tapete em quem um bêbado tropeça  
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.*

*Mas o Dono de Tabacaria chegou á porta e ficou á porta.  
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltado  
E com o desconforto da alma mal-entendendo  
Ele morrerá e eu morrerei.  
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.  
A certa altura morrerá a tabuleta tambem, e os versos tambem.  
Depois de certa altura morrerá a rua onde estava a tabuleta,  
E a lingua em que foram escritos os versos.  
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isso se deu.  
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente  
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,*

*Sempre uma coisa defronte da outra,  
Sempre uma coisa tão inutil como a outra,  
Sempre o impossivel tão estúpido como o real,  
Sempre o misterio do fundo tão certo como o sono de misterio da superficie.  
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.  
Mas um homem entrou na Fabacaria (para comprar tabaco?)  
E a realidade plausivel cai de repente en cima de mim.  
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.*

*Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los  
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos  
Sigo o fumo como uma rota própria  
E gozo num momento sensitivo e competente  
A libertação de todas as especulações  
E a consciência de que a metafísica é uma consequencia de estar mal dispuesto.*

*Depois deito-me para trás na cadeira  
E continuo fumando  
Enquanto o Destino m'o conceder, continuarei fumando.*

*(Se eu me casasse com a filha de minha lavadeira  
Talvez fosse feliz.)  
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou á janela.  
O homem saiu da Tabacaria (metendo trôco na algibeira das calças?).  
Ah, conheço-o é o Esteves sem metafisica  
(O Dono da Tabacaria chegou á porta).  
Como por un instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.  
Acenou-me adeus, gritei-lhe Adeus ó Esteves! e o universo  
Reconstri-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da Tabacaria sorriu.*

FERNANDO PESSOA

